



## ENTREVISTA



## **Antropologias Latino-Americanas em Conexão: Uma conversa com a professora Lina Berrio**

Vitória da Silveira, *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*  
Gabriele Jasniewicz Herarte, *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*  
Letícia Zanella Sais, *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*  
Sofia Fleig Paludo de Abrantes Rodrigues, *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*  
Pedro Sartori de Lima, *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*  
Iago Bardança Hoffmann, *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*

---

**Resumo:** Com a curiosidade em entender um pouco mais sobre as relações e divisões entre a Antropologia Mexicana e a Antropologia Brasileira entrevistamos a professora Lina Berrio em setembro de 2022. Lina é professora e pesquisadora no Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS) - Pacífico Sur, na área de Antropologia Médica, com um enfoque em saúde sexual e reprodutiva, gênero, povos indígenas, políticas públicas em saúde, entre outros. Observamos nas entrelinhas de suas falas que o encanto pela antropologia se destacava, encanto este que compartilhamos. Assim, começamos a pensar em como ampliar o diálogo entre áreas e seus diferentes desenvolvimentos em diferentes lugares do globo, fazendo com que a entrevista seja um passo de início para tal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropologia Feminista. Gênero. Antropologia Mexicana. Teoria Antropológica. Antropologia da Saúde.

---



## **Considerações Iniciais**

Quando recebemos a tarefa de entrevistar uma antropóloga mexicana no VI Encontro Mexicano Brasileiro de Antropologia (EMBRA)<sup>1</sup> na disciplina de Seminário de Pesquisa, não sabíamos muito bem o que fazer, como e com quem fazer. Com os nervos "à flor da pele", uma das colegas deu a sugestão de ser uma entrevista coletiva, como uma tentativa de estarmos mais confortáveis durante esse processo. Com todos aceitando a ideia, seguimos em frente para escolher quem iríamos entrevistar. Considerando que alguns dos eventos da EMBRA eram híbridos, começamos a pensar nas possibilidades de quais antropólogas estariam presencialmente em Florianópolis (SC), e quais delas fariam português - tendo em vista que, de nós seis, somente uma pessoa fala espanhol de maneira fluente.

Chegamos à professora Lina Berrios por conta de uma postagem no *Instagram* da Vice-Reitora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Joana Célia dos Passos. Começamos a pesquisar sobre seu trabalho e vimos que ela trabalha com questões de saúde e, em especial, saúde feminina, pensando em questões reprodutivas, tema que está em alta pela América Latina. A partir destas informações elaboramos o roteiro, inserindo perguntas sobre a diferença de áreas no México e no Brasil, sobre a pesquisa dela com direitos reprodutivos e sobre o trabalho com indígenas, pensando em uma perspectiva de diálogo entre áreas e o desenvolvimento das mesmas nestes diferentes países.

Ao vermos a professora Lina falar no dia 08 de setembro de 2022 na "Mesa Redonda VI - Novas vozes na antropologia feminista", nosso nervosismo se dissipou um pouco – não podemos dizer todo, mas – porque percebemos que a professora Lina fala e entende bem português. Quando a mesa acabou, seguimos no nervosismo, a ponto de pedir para a professora Alinne Bonetti, a quem somos eternamente gratos e gratas por esse empurrão, nos introduzir para a professora Lina. Muito simpática, a professora nos acalmou. A intenção era fazer a entrevista após a Conferência de Encerramento da EMBRA acontecer, mas logo em seguida tivemos a performance do Baque Mulher Floripa, filial do movimento da cultura negra do Maracatu de Baque Virado, composto por mulheres e de cunho social e político e acordamos em fazer a entrevista pela plataforma de reuniões *Zoom* em um outro momento.

---

<sup>1</sup> Realizada em Florianópolis (SC) em 2022.



A entrevista enfim aconteceu numa terça-feira, dia 20 de setembro de 2022, via *Zoom*<sup>2</sup>. Um pouco nervosos/as, mas já organizados/as com a divisão de perguntas e anotações, iniciamos a conversa. Lina é professora e pesquisadora no Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS) - Pacífico Sur, na área de Antropologia Médica, com um enfoque em saúde sexual e reprodutiva, gênero, povos indígenas, políticas públicas em saúde, entre outros. Na troca com ela, encontramos uma pessoa humana de carne e osso, antes de qualquer outra categoria. Uma mulher negra, antropóloga, pesquisadora, feminista e comprometida politicamente com a realidade e sua transformação. Isso já imaginávamos. O que talvez mais tenha nos surpreendido foi sua tamanha sensibilidade, sua abertura e disponibilidade, sua generosidade e sinceridade conosco. Uma pessoa também feita de histórias, disposta a nos contar algumas de seu acervo pessoal com entusiasmo.

Nas entrelinhas de suas falas se destacava o encanto pela antropologia. Um encanto que a fez migrar de área e que mudou sua vida. A transformação pessoal e coletiva que proporciona esse campo de saber ressoava e ecoava nos/as que ali estavam e ouviam. Parece um consenso pensar que, uma vez em contato, não se pode deixar de ser antropólogo/a, “é um modo de olhar que ficamos a vida toda”, como bem disse Lina. Com ela refletimos também que antropologia queremos, que perspectivas temos ainda a investir e construir.

Já sabendo que queria trabalhar com pessoas, a professora deixou claro como a área constituiu sua maneira de compreender o mundo e a vida. Porém, com ela, fortalecemos a ideia de que não se trata de qualquer prática científica, não se observa e compreende apenas, trata-se de mudar a realidade em que vivemos. Não importa seu título, “o nosso trabalho é para ajudar as pessoas, garantir o compromisso social”, diz ela. Para isso, concordamos que nossas pesquisas devem ser sempre realizadas COM as pessoas, com pessoas concretas, movimentos, organizações... se não fazemos *com* é porque estamos fazendo *para* alguém ou *sobre* alguém<sup>3</sup> e deixando de questionar para que serve e a quem serve nossa antropologia. Ao final, a professora gostou tanto de nossas questões e da discussão que proporcionaram que sugeriu levar

<sup>2</sup>Letícia entrou no link de sua casa, se recuperando de um resfriado, enquanto outros colegas da turma se encontraram na UFSC e acessaram o link juntos/as

<sup>3</sup>Referência a perspectivas anticapacitistas e ao lema dos movimentos sociais de pessoas com deficiência em todo o mundo: “Nada sobre nós, sem nós!”.



adiante o trabalho, talvez até pensando em uma parceria para eventual publicação coletiva.

Dois anos se passaram desde que fizemos a entrevista e todes seguimos para momentos diferentes da vida acadêmica e profissional. Contudo, ao revisitar o diálogo que tivemos com Lina, continuamos com a mesma perspectiva que tivemos ao realizar a entrevista: como ampliar o diálogo entre áreas e seus diferentes desenvolvimentos em diferentes lugares do globo? Assim, esperamos que essa entrevista contribua ao campo de estudos de antropologia feminista, trazendo brevemente essas perspectivas em conexão.

### **Entrevista com a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lina Rosa Berrio Palomo**

**Gabriele Jasnievicz Herarte:** A gente vai começar com algumas perguntas referentes ao seu trabalho e ao que a gente viu durante a EMBRA. Como e por que você iniciou na antropologia? As suas intenções continuam as mesmas atualmente? Senão, o que aconteceu?

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lina Berrio:** Uau, isso é como andar na "pré-história" da nossa vida! Olha... eu, na verdade, comecei a estudar Comunicação Social e Periodismo. Aí eu tive aulas de Antropologia, História, Psicologia, Sociologia, tudo isso, e eu adorei. Adorei a Antropologia, tive a fortuna de ter um professor que foi maravilhoso, um pioneiro na Antropologia Colombiana. Então, eu fiquei encantada e achei que a minha carreira era, como nós chamamos, um "mar de conhecimento", mas com só um centímetro de profundidade. Que a carreira de comunicação social não era assim tão forte teoricamente. Era muito mais prática do que aquela que eu estava procurando. Assim, eu decidi que eu ia fazer uma outra carreira.

Na verdade, eu fiz e terminei Comunicação, mas fiz Antropologia também. E, foi *massa*, foi aquela coisa que mudou a minha vida, porque era isso o que eu queria fazer: trabalhar com pessoas. A teoria antropológica para mim foi um sucesso, uma descoberta maravilhosa para compreender, inclusive, a minha história. Eu só compreendi a minha família quando eu estudei parentesco. Não me lembro se foi no segundo ou no primeiro ano que eu compreendi e disse: "então é isto, se chama assim...". Uma maneira de compreender o mundo de um outro lugar. Para mim, a antropologia foi muito importante nesse processo.



Além disso, estudei na principal universidade pública da Colômbia, que é muito movimentada politicamente. Eu estudei lá quando estávamos na discussão dos 500 anos da resistência indígena, negra e popular<sup>4</sup>. Assim, foi um tempo bem especial de discussões e de refletir como a Antropologia também se engajava em processos sociais, de luta, de resistência e como movimento indígena. Minha turma foi herdeira também de um grupo de pesquisadores e professores que estavam muito envolvidos com as comunidades. Alguns deles tinham trabalhado 20 anos, acompanhado ações com comunidades e povos indígenas. Havia sido feitos processos de recuperação das terras que tinham sido expropriadas. Isso, para mim, foi como entrar no mundo que eu estava procurando. Eu só consegui terminar a minha outra carreira, porque eu estava muito apaixonada pela antropologia e eu conseguia me engajar. Depois eu mudei, fiz mais comunicação educativa<sup>5</sup>. E, desde então, eu acho que a minha vida toda tem sido uma mistura dessas duas carreiras, mas sempre com um olhar antropológico, que eu acho que é algo que “a gente pega e já não tira mais”. É um vício. Olha: não se pode deixar de ser antropólogo, porque ser antropólogo é um treinamento de olhar, de uma maneira de se relacionar com as pessoas que eu acho que a gente fica com ela para a vida toda.

Hoje, tanto tempo depois, eu fico tão feliz de ter feito essa escolha e me sinto profundamente antropóloga. Não só antropóloga, porque eu também sou feminista, militante, ativista, mulher, negra, tudo isso. E isso é uma parte muito importante da minha identidade. E eu acho que o nosso trabalho, enquanto professoras, ao acompanhar projetos de pesquisa, ao dar aulas, é ajudar para que as pessoas fiquem empolgadas com esse olhar e com esse compromisso social também.

**Pedro Sartori de Lima:** Como você desenvolve suas metodologias de pesquisa e trabalho na área de Antropologia Médica? Há diferenças que devem ser consideradas em relação às outras antropologias?

---

<sup>4</sup> Movimento que visa reconhecer e valorizar as estratégias de resistência Indígenas, Negras, Mulheres, Minorias, etc. ao longo do período da colonização e além. Ver mais em: UNAM. Fuerza política y reorganización necesarias para lograr la autodeterminación de los pueblos originarios. **Instituto de Investigaciones Sociales**. Disponível em: <https://www.iis.unam.mx/blog/fuerza-politica-y-reorganizacion-necesarias-para-lograr-la-autodeterminacion-de-los-pueblos-originarios/>. Acesso em: 15 dez. 2024.

<sup>5</sup> Área da pedagogia que visa criar diálogos para além da sala de aula, criando uma conexão entre a instituição e a sociedade.



**Lina Berrio:** Olha, eu acho que a antropologia tem um coração, assim, metodológico, que é comum para todas nós, independentemente do que a gente faz, disciplina ou subcampo assim da antropologia no qual a gente está envolvida. Eu acho que para nós é muito importante “o” ser parte do nosso coração, o trabalho etnográfico. Eu acho que é impossível a antropologia sem etnografia, mesmo que agora a pandemia tenha nos mostrado, tem nos obrigado na verdade, a experimentar outras maneiras de fazer pesquisa, de usar mais as redes ou a mídia. Enfim, eu acho que fazer mais pesquisa virtual é muito importante. Essa parte etnográfica não como uma técnica, como metodologia mesmo, como produção de conhecimento. E isso implica a capacidade de olhar, de escutar, de ficar calada e, às vezes, de falar. Enfim, tudo isso, que é muito importante também na escrita, a possibilidade de fazer isso... As descrições densas que o Geertz falava.

A segunda coisa que para nós é muito importante é fazer pesquisa com as pessoas. Eu sei que não é o mesmo para todo mundo, todos os colegas, mas no meu caso, para mim, é muito importante fazer uma pesquisa envolvida, com pessoas concretas, com organizações, movimentos. Ou pelo menos com uma ideia, também, de que o meu trabalho não é só um trabalho de pesquisa científica, mas que tem que ter uma intencionalidade de mudar essa realidade que a gente não gosta. A realidade que a gente tá olhando, que deve ser trocada...

A terceira coisa, é também considerar diferentes atores, pessoalmente no campo da saúde. Assim, você pode decidir que eu vou trabalhar da perspectiva do paciente, ou com um olhar mais fenomenológico, que desde o feminismo, é um conhecimento situado. O que nós falávamos de como é importante a própria voz dos sujeitos. Eu acho que isso é verdade, é necessário, mas que ao mesmo tempo - eu trago do nosso professor Eduardo Menéndez, que sempre tem ensinado para a gente - a ideia da perspectiva relacional nas pesquisas. Então, se você decide trazer à luz um só ator, você deve ter consciência de quem você está deixando de fora. Que essa voz traz uma voz, mas que você está deixando de escutar muitas outras, que nem sempre são coerentes ou que coincidem. Na nossa área da saúde, isso é muito comum porque tem diferenças significativas entre as perspectivas dos pacientes com as perspectivas dos profissionais de Saúde, dos gestores, daqueles que decidem a política pública em saúde, dos familiares, tudo isso. Então nem todo tempo é possível, ter as bolsas e tudo mais.

A quarta coisa, é sempre pensar nessa multiplicidade de escala. De pensar a ideia do micro, das interações sociais, como que eu posso me



aproximar das relações médico paciente, por exemplo, no hospital? Mas, ao mesmo tempo, eu sei que essas interações micro estão envolvidas numa dimensão macro. Que há uma relação, e isso, para mim, uma coisa fundamental é acreditar na agência das pessoas. Contudo, ao mesmo tempo é ter consciência de como a estrutura define as coisas também. Aquele nível estrutural, aí, eu sou bem materialista, bem Gramsciana, para pensar as condições materiais da existência, nas quais tem lugar aquilo que a gente está pesquisando. Então é uma preocupação também, por dar conta desses múltiplos níveis, nas interações micro, no nível das relações sociais, começando pela família, pela vizinhança, pela comunidade, pelo bairro, ou sei lá, organização, grupo de auto-ajuda, ou qualquer coisa que for. E no nível institucional: o hospital, a escola, e aquele bem maior, o Global, mas aquele Global que está determinando também o local e ao reverso.

E eu sou feminista também, então para mim é sempre uma escolha, é uma outra perspectiva. Eu sou feminista e então para mim esse também é um outro horizonte. Eu sou uma mulher negra e essa interseccionalidade também está no nosso corpo. Está envolvida na pesquisa, no jeito que a gente olha, também com quem você se aproxima mais...

Para mim isso é legal. A gente tem que descer. A gente tem que explicitar, de onde nós estamos falando, pesquisando. E também quais são os nossos engajamentos, que às vezes não deixam o “pessoal” olhar coisas que não os tocam na pesquisa. Às vezes, o “Meu Deus, eu estou sentindo a dor dessa mulher”, quando ela foi no parto, foi parir. Estou me lembrando, sabe, daquela coisa de transferência, que às vezes acontece também. E é assim, sabe, que isso pode acontecer e tem que explicitar.

Eu uso muito também a metodologia da educação popular para a minha pesquisa: oficina, linha do tempo, fotografia, tudo aquilo que a gente traz que não é exatamente a aproximação etnográfica clássica, mas que é muito importante para construir coletivamente ou para retornar com os resultados das nossas pesquisas para falar com eles, com a população: “Olha, você se reconhece aí? Não? Como que a gente faz?”

E não só por isso, tem muitas coisas que eu não vou pôr nos artigos, nos livros, que eu não falo nunca para fora, que não coloco. Porque tem também um dilema ético, daquelas coisas que acontecem com os movimentos, com as organizações e que não são legais. Aí para mim é



muito mais importante falar com as pessoas e dizer “olha, eu estou olhando isso, o que você acha?”. Mas, geralmente eu tento não colocar isso, naquilo que eu escrevo, que eu publico. Basicamente, pela ideia de não causar dano às pessoas... Dessa responsabilidade, como a gente coloca no Brasil. Vocês sabem muito bem que o laudo antropológico é uma coisa muito delicada, qualquer coisa que você escreva pode ser usado, literalmente, contra a gente. Então, nem todas as vezes a gente consegue, mas eu acho que isso é uma preocupação ética que a gente tem o tempo todo.

Olha só, eu sou antropóloga, mas fui por muito tempo parte de ONGs. Trabalhei com ONGS de saúde, então isso, a preocupação ética, era fundamental para o trabalho com as pessoas. Tenho sido militante, uma história um pouquinho adversa de outros pesquisadores, mas que eu acho que não é única, tem várias.

Fiquei maravilhada na EMBRA, de conhecer muitas colegas que estão também neste engajamento; de ver a Alexandra Alencar em nossa mesa de racismo, falar e, depois ela fazer a batucada com o Baque Mulher. Nossa, é isso que a gente precisa. Assim, colocar o corpo no espaço, com todo ele, não só com a cabeça. Eu acho que essa é outra maneira de fazer antropologia, bem diversa daquela que a gente aprendeu. Como a clássica tipo Malinowskiana, que agora é insuficiente para nós. Então é isso, e tem muito trabalho coletivo. Eu acho que uma das coisas é que fazer antropologia, e estar nas instituições, nem sempre é fácil, nestes tempos. No liberalismo acadêmico em que a gente tem que produzir, produzir, produzir, escrever... tudo isso. E aí é muito fácil você se esquecer das pessoas.

E uma das coisas que, para mim, é fundamental na existência, no sustento, no estar aqui nesse mundo é a parceria com as colegas, é fazer parte das redes. Isso que aconteceu lá no EMBRA, onde a gente se encontra, fala, dança, que depois que acaba a gente bebe cerveja, e conversa. “Ah, tá bom? Vamos fazer isso... Olha só os nossos estudantes..... Vamos colocar os estudantes em contato... Então vamos fazer isso...” Para mim isso é muito, muito, muito importante. Eu acho que agora já não é o tempo da produção individual, e que temos que estimular muito mais essas trocas e essas pesquisas coletivas.

**Vitória da Silveira:** Aqui, no Brasil, a gente tem uma divisão bem grande entre uma antropologia médica e uma antropologia da saúde. E no México funciona do mesmo jeito? Vocês foram mais para uma



antropologia médica? E como é essa diferença na Colômbia, já que você se formou lá?

**Lina Berrio:** Sim, essa é uma boa pergunta, porque tem a ver com as nossas tradições intelectuais, e como que a gente nomeia as coisas. Nós falamos em antropologia médica. Agora, justamente nessa semana, a gente está definindo a nova convocatória para a próxima turma do mestrado, aí a nossa linha de Antropologia Médica vai abrir, e uma das discussões... é se queremos seguir colocando antropologia médica, ou se queremos mudar para antropologia da saúde, ou alguma outra coisa. Para que nós, também na área, possamos compreender melhor. E aí a gente, no México, teve uma discussão. Eu sei que no Brasil vocês falam mais antropologia de saúde, e que antropologia médica está mais voltada para biomedicina, para essa relação como a biomedicina.

Mas para nós, aqui no México, a tradição tem sido mais antropologia médica mesmo e eu acho que isso tem que ver com duas coisas: uma a nossa relação mais perto da antropologia norte-americana, que eles falam de antropologia médica. Eu acho que a gente tem uma relação assim, do mesmo jeito que para o Brasil a relação é mais com a antropologia francesa, para nós historicamente tem sido mais com a antropologia norte-americana. Então muitas das coisas a gente pega daí, mas uma outra que eu acho que é bem mais importante, é que na nossa construção da antropologia médica, ela não se refere só ao sistema biomédico, a biomedicina. A gente segue muito a contribuição teórica do Eduardo Menéndez, que fala dos "modelos médicos". Aí um deles, o modelo que ele chama de "modelo médico hegemônico", que é a biomedicina. Tem outros, como o modelo médico tradicional, que inclui tudo que é medicina tradicional dos povos indígenas, medicinas dos povos afro-mexicanos...

E tem também a medicina doméstica que não vem necessariamente de uma tradição, de um sistema cultural indígena, mas é a que todo mundo usa, [é quando] perguntam "mas a minha garganta está doendo, o que eu faço?" "Ah, é bota rapadura, bota Aroeira". É o que todo mundo sabe, a gente tem um *saber* em antropologia que é a primeira "coisa" que a gente usa, na verdade. Então isso que Eduardo chama de "auto-atenção da medicina doméstica", da medicina das nossas mães. As mães sabem do filho, elas são as melhores diagnosticadoras dos filhos. "Ele tem diarreia, mas aqui isso é grave, ou não é grave, se tem febre, se agora eu preciso



levar ele, ao curador especializado”. Tem muito saber, então tudo isso faz parte desse modelo de auto-atenção, em que a população desenvolve estratégias de saúde sem consultar com curadores especializados, sejam eles biomédicos, os profissionais da saúde, sejam eles o pajé, o xamã, o médico tradicional em cada povo indígena, porque eles são os curadores especializados.

Porque assim, pensando no povo Guarani ou Kaingang, nem todo mundo é especializado em medicina. Tem uma pessoa que sabe disso, seja o curador especializado ou uma parteira, nem todo o povo sabe. Então, cada sistema médico tem os seus curadores, mas a primeira aproximação das pessoas não são com esses curadores, é com a auto-atenção. Então, é nessa ideia que os antropólogos têm de pensar os sistemas médicos para além da biomedicina. Para nós, no México, isso tem sido importante para falar da antropologia médica.

Nós falamos de antropologia médica crítica que é diferente, da antropologia médica clínica, por exemplo, de Arthur Kleinmann, daquela corrente na antropologia norte-americana mais engajada na relação de médico-paciente. A gente fala de antropologia médica crítica justamente para trazer essa discussão estrutural de que eu estava falando: dos determinantes sociais da saúde, de pensar como a saúde está envolvida também numa discussão política, numa discussão da vida. Então, a saúde para nós é muito mais do que a biomedicina.

E tem uma coisa que eu gosto muito, que criticamente o Eduardo Menéndez falava: “parece que falamos da antropologia da saúde, mas na verdade nós estudamos fundamentalmente *doenças*, nós não estudamos saúde”.

Então por que falar em antropologia da saúde, quando a gente não pesquisa a saúde? Pesquisamos doenças principalmente, então eu acho que esse é um chamado da atenção, que é muito real, e como a gente pode se deslocar para pensar a saúde nessa dimensão mais ampla do que a doença?

Eu estava em Natal, na UFRN, com os colegas do mestrado e do doutorado, e eles tinham pesquisas muito bacanas. Lembro de uma menina que estava fazendo sua tese de doutorado sobre a velhice, mas não em posto de saúde, ela estava seguindo os grupos, as turmas de dançar forró ou de dançar em geral, nas quais as pessoas idosas participavam. A menina dizia: “a gente tem que pensar a velhice não só desde a doença mas também desde o lazer, desde o prazer, desde a vida.” Para nós tudo isso faz parte da antropologia médica e, às vezes, tem tradições que são muito difíceis de mudar, e que para nós ficou claro. E



assim a nossa decisão foi deixar assim a antropologia médica e de botar mais três linhas na saúde, corpo e desigualdades sociais, para que a gente consiga compreender melhor do que é que a gente tava falando. Porque sim, muitas vezes as pessoas acreditam que é só biomedicina. Eu acho também que no Brasil há uma tradição muito forte de saúde coletiva. Também tem aí na UFSC a Esther Jean Langdon, e tem gente que tem pesquisado de um jeito crítico sobre a antropologia médica. Então, eu acho que a antropologia da saúde é uma maneira de se deslocar e se considerar as outras dimensões, mas acho que no final a gente tá falando de coisas parecidas. Pelo menos com o grupo da Esther Jean Langdon, eu acho que a nossa perspectiva é muito parecida.

**Gabriele Jasnievicz:** Aqui no Brasil, principalmente como estudantes da UFSC, percebe-se que a antropologia brasileira está um pouco mais voltada para a teoria, do que a antropologia aplicada. Que é diferente em algumas áreas específicas de pesquisa e em alguns outros lugares do mundo. Como que tu percebes esse movimento?

**Lina Berrio:** Boa pergunta. Adorei. Vocês estão perguntando coisas interessantes e estão me fazendo pensar também.

Eu acho que isso tem a ver com as tradições. Do que a gente falava, essa relação com a tradição francesa, bem preocupada pela teorização, generalização, nessa divisão entre tecnologia, etnografia, antropologia aplicada vista como uma coisa menor do que antropologia teórica. Para nós não faz sentido, porque é uma redução e é uma sub-valorização de muitas pessoas que fazem antropologia engajada ou que fazem antropologia tentando mudar coisas ou tentando trazer questões que possam ser úteis para repensar o sistema de saúde e as relações. Mas tem uma forte base teórica: não é uma antropologia voltada para o “e como que faço para que as pessoas lavem as mãos?”. Não é isso que a gente faz. A gente tem uma discussão teórica por trás e tem também uma preocupação de como isso pode ser útil.

Também na antropologia norte-americana tem essa divisão. É curioso que as duas áreas que a gente mais procura, justamente pelo seu caráter aplicado, são a antropologia da educação e a médica. Então na Associação Americana de Antropologia essas duas áreas são tipicamente consideradas como antropologias aplicadas. Aí a gente tem que pensar, tem que historicizar como isso foi feito, como que a antropologia



também tem sido utilizada para aqueles processos de, no caso dos Estados Unidos, fazer intervenções em populações marginais, ou mudar o comportamento das crianças migrantes que não consigam se engajar, ou fazer pesquisa da interculturalidade em saúde para receber o problema das migrantes que não entendem as nossas ideias e não sabem como se comportar em um hospital. Essa é uma postura bem chata, bem colonizada, bem colonizante mesmo, e não é esse o lugar do qual a gente está fazendo antropologia que é ao mesmo tempo teórica e aplicada.

No nosso caso da gente que faz antropologia da reprodução, da saúde materna, tudo isso, aí, a gente tem uma discussão bem forte, sobre o gênero, sobre representações sociais, sobre a maternidade, sobre a violência obstétrica, recuperando categorias que são, e que têm sido produzidas na América Latina, como a violência obstétrica, que é uma categoria epistêmica, política, que agora o pessoal do Norte Global está recuperando mas mesmo assim sem dizer que é produzida na América Latina. Então para nós é uma maneira de dizer, “olha só isso que a mulher está dizendo, isso é violência”.

E tem uma linguagem jurídica, mas tem também uma discussão epistêmica por trás, e tem uma intencionalidade de que isso não aconteça mais. A gente não pesquisa violência obstétrica só pra dizer: “meu Deus, como que as mulheres sofrem”. A gente pesquisa para que isso não aconteça mais. A gente pesquisa parteria não para dizer: “olha só as parteiras, uma coisa do passado”. A gente pesquisa a parteria para dizer “olha só isso aqui está vivo isso aqui é muito importante, tem que saber, o que vocês estão fazendo é um epistemicídio também, não é só uma desapareção das curadoras”. Enfim, para nós não faz sentido, para nós aqui no CIESAS, na nossa tradição aquilo não faz sentido.

**Iago Bardança Hoffmann:** Então, nos últimos anos as mobilizações sobre o aborto tem se feito presentes em debates públicos na América Latina como, por exemplo, na Argentina e até mesmo aqui no Brasil. Diante da sua pesquisa e atuação na área de Antropologia médica, e saúde reprodutiva, como você vê esse processo no México e sobretudo como ele dialoga com as pautas do movimento de mulheres indígenas?

**Lina Berrio:** Ah! Cada uma das suas perguntas é uma aula. [risos]. Eu acho que uma das outras características das nossas antropologias latino americanas e dos nossos feminismos latino-americanos é a relação



entre academia e o movimento social. Movimento nas ruas, especialmente nesse campo da saúde reprodutiva, que aí tem um engajamento muito forte entre o feminismo e para o feminismo que pensa na agenda da Saúde reprodutiva, da saúde sexual e do direito. Os nossos corpos têm sido fundamentais. Isso não é uma discussão que trazemos nós, antropólogos, essa é uma discussão do movimento. E que a gente tem acompanhado desde a antropologia trazendo conotações, como a desnaturalização da reprodução como fato biológico, aquela relação entre biologia, maternidade e reprodução, colocando como parte de um sistema cultural o nosso, ocidental, que faz essas relações para pensar outras formas de maternas, outras formas de relacionar com o corpo. Tudo isso é antropologia e pesquisa. Tem sido uma porta, ação também para o movimento, para ampliar inclusive o campo de pesquisa e de abordagem.

Aí tem uma outra coisa que está acontecendo também e que eu gosto muito de falar. É quando os antigos sujeitos de pesquisa vêm para a Academia, para a universidade. E aí muda tudo. Então eu acho que, com a chegada também de pessoas trans, de pessoas lésbicas, gays nas universidades, em nossos programas, os temas de pesquisa e as aproximações têm mudado também, é óbvio. É porque a gente pesquisa aquilo que interpela a gente. Toda a produção sobre HIV [Vírus da Imunodeficiência Humana], é muito colocada pelas demandas do movimento social.

Então, particularmente, o que você me perguntava sobre o aborto, eu acho que é uma demanda, especialmente do movimento feminista e, aqui no México, a primeira legislação foi em 2007, na Cidade do México, que despenalizou o aborto. Depois a segunda legislação fomos nós, aqui em Oaxaca, em 2019, e depois em 2020, 2021, foi aprovado também em outros estados: Vera Cruz, Hidalgo. Mas isso aí é uma demanda do movimento, das alianças com as legisladoras, e não é fácil conseguir essas mudanças nas legislações. Então, eu acho que também muitas das nossas pesquisas têm indagado como isso acontece na realidade. *Ok*, a lei está aprovada, mas isso tem mudado a vida das pessoas? Tá garantido o direito? Os hospitais estão ofertando a interrupção legal da gravidez, ou não? Como que isso está acontecendo?

Aí tem etnografias muito interessantes, pesquisas bem relevantes para demonstrar como que isso não acontece, ou acontece mais ou menos. O prestador de saúde oferece o serviço, mas diz “ah, menina, você tá



usando o aborto como alguma maneira de método de planejamento familiar?”. Toda aquela discussão moral, que está engajada também muitas vezes na perspectiva dos profissionais de saúde. Então temos pesquisas de um tema importante de discussão para nós.

E, no caso das mulheres indígenas, que você me perguntava, aí está outra discussão. Porque muitas dessas coisas acontecem, mas não se fala, não se nomeia, não se diz para fora, né? Quando fiz a minha pesquisa sobre a saúde materna numa região indígena aqui do México, as mulheres falavam: “*Lo tiro ou lo perdió*”, “tiro” é a mesma coisa que jogar, “ela jogou, ela perdeu”, e essa forma de nomear faz a diferença entre aquilo que para elas... aquilo do qual não se falava, mas elas sabiam que isso tinha acontecido. E também tem toda uma dimensão moral, para muitas aqui o catolicismo está muito forte, também muito engajado nas comunidades. A ideia do pecado, da morada, tudo isso, mas ao mesmo tempo tem uma dimensão da vida que acontece por fora dessa normatividade. E tem mudanças importantes, por exemplo, no número de filhos que as mulheres indígenas gostariam de ter. Isso tem mudado muito, gerações anteriores tinham seis a sete filhos, hoje as mulheres gostariam de ter um, dois, no máximo três.

O uso de métodos anticonceptivos também tem mudado muito, muito, e eu acho que aí tem também um duplo movimento: um do Estado tentando controlar corpos, promovendo o anticoncepcional. Não só para mulheres indígenas, mulheres pobres, mulheres negras, você sabe, a *Biopolítica*<sup>6</sup>...Mas, ao mesmo tempo, as próprias mulheres estão mudando os seus desejos reprodutivos. Estão desejando ter menos filhos do que suas mães, suas avós... e aí também se abre espaços para discussão do aborto, de não ter filhos. Eu conheço muitas das lideranças indígenas mais jovens que não têm filhos, nem que casaram ou casaram fora. Isso também tem outro deslocamento, que é um pouco como sair da norma. E às vezes, ainda mais do que o filho, é: “Como você ainda não é casada? Você tem a idade, você tem 25, 26, você tem 30 e você ainda está namorando ou anda com um e com outro?”

Tudo isso é muito desafiante nas comunidades. Mas essa é a realidade e tem muitas organizações e jovens indígenas trabalhando no tema dos direitos sexuais, dos direitos reprodutivos, fazendo também um processo bem interessante de repensar culturalmente: “Como isso se chama na nossa língua? Como se fala? Como que acontece?”

Eu me lembro de uma oficina que a gente fez há muitos anos com mulheres e homens, eles eram promotores de saúde em formação. E aí

<sup>6</sup> Referência à obra de Michel Foucault (1926-1984).



uma das coisas que eu perguntei para eles foi: como se diz na sua língua *embarazo*, gravidez? Todo mundo tinha uma forma. Como se diz amamentar? Todo mundo tinha. Como se diz orgasmo? Nem todo mundo tinha nome para isso, foi uma discussão bem interessante. Como se diz prazer? Como se diz aborto? Nem todo mundo tinha. Então foi muito interessante a discussão entre eles, porque aquilo que não se nomeia, não existe. O nome tem uma materialidade. Todo mundo tem nome para o parto, para gravidez, para amamentar. Mas nem todo mundo tem nome para certas coisas. Então, essas discussões vêm sendo trazidas não por nós, os de fora, os antropólogos, mas pelas próprias mulheres indígenas, que estão mudando também. Engajadas nessas buscas, repensando a sua própria identidade e a cultura.

Então eu acho que tem um movimento assim muito forte de mulheres indígenas e a favor do aborto, mas que é uma coisa que aconteça que a gente sabe que a gente fala e que eu acho que também para nós, feministas, é uma coisa muito importante de se compreender: que essa não necessariamente é uma agenda fundamental para elas. E quando a gente fala desde a perspectiva da justiça reprodutiva, a gente tem que trazer que é tão importante o direito ao corpo, o direito a não engravidar, como o direito a engravidar, a ter um *embarazo* que seja bom, né? Que, para muitas mulheres, nesse momento, essa é a agenda: “olha só, eu só quero não morrer, se eu engravidar, eu só quero ser bem atendida, quero que meu filho nasça, cresça, tudo isso”.

Então, no meu caso, a perspectiva da justiça reprodutiva e toda essa discussão, toda essa produção teórica que tem sido feita nesse campo é de muita ajuda também para pensar isso... Que não é ser branco em preto, não é uma coisa ou a outra, é misturado, né? A gente tem que ser culturalmente situado, geracionalmente, e em movimento. E eu adoro escutar gente jovem, eu adoro ver também como se estão abrindo discussões sobre homossexualidade, sexualidade, relações indígenas... Gente com seus corpos que também estão assim: “eu sou tudo isso”. Então assim, é como essa afirmação identitária, a identidade sexual.

**Vitória da Silveira:** A gente viu que você participou e desenvolveu vários projetos que são voltados à atuação das organizações na sociedade. A gente queria saber mais um pouco sobre a importância desse terceiro setor no cenário político mexicano e como se dá as relações de financiamento dessas organizações?



**Lina Berrio:** Difícil esse tema aí. Justamente, em Natal, eu falei disso em um seminário, uma palestra sobre os feminismos ibero-americanos. E o que eu trouxe foi justamente a ideia de como tem uma tensão entre governos progressistas e ao mesmo tempo neoconservadores, a depender de certos temas. E eu acho que isso que está acontecendo conosco, nas nossas agendas de gênero e diversidade, nas dos povos indígenas, é porque nós temos agora um governo que a gente botou, né? Que a gente acreditou, e acredita mesmo, que tem feito mudanças importantes. Esperança. Mas que, ao mesmo tempo, a gente sabe que a nossa agenda tá sendo jogada no lixo, né? E que às vezes nós mesmos somos percebidas como o inimigo, mas não somos. Nem na academia, nem nas ONGs.

Então, o discurso que agora está se colocando é como as ONGs são: elas roubam o dinheiro, são corruptas, elas não fazem tudo isso. Então, elas devem desaparecer com o dinheiro em vez de fazer chegar diretamente às pessoas. E, da outra parte, tem também aquela ideia de que nós não somos mais o terceiro mundo, nós estamos já quase no primeiro mundo. Então, por isso o México não precisa de financiamento internacional. E nossas agendas de saúde sexual, reprodutiva, que tinham sido muito importantes nos anos 1990, no início do século, agora não estão sendo colocadas no mesmo lugar na discussão internacional. Quero dizer, então, que tem menos recursos disponíveis para isso.

A gente já tem visto como organizações que têm construído um trabalho incrível nas suas regiões, com muita história, agora estão em crise, porque não tem mais financiamento. Muitas têm sido fechados e programas de gênero têm sido literalmente jogados no lixo. Não é uma época fácil, na verdade é uma época muito difícil e, como falava em Natal, esse é um momento em que a gente acompanha os processos sociais amplos, e sabemos que a nossa agenda precisa ser defendida, porque não é prioridade. E a única maneira de defender ela é fazer o que a gente faz aqui, como professora, pesquisadora, mas também sair às ruas. Não tem jeito, é assim, sabe?

Eu acho que é uma crise na América Latina toda. E tem essa ideia de que as ONGs são perigosas, são corruptas, não deveriam existir... Então, eu acho que esse é um grande desafio para nós aqui: como resistir, como acompanhar, como defender o orçamento.

Há dois anos, a gente teve uma luta muito grande, porque o *presupuesto*<sup>7</sup> para violência foi diminuído, quase uns 50% dos programas que a gente

---

<sup>7</sup> Orçamento em espanhol.



tinha construído em muitos anos para trabalhar violência, prevenção da violência contra as mulheres... tiraram... retiraram. E aí foi muito importante organizar o trabalho em redes, aí fomos denunciar, fomos ligar pra legisladores.... E eu acho que o nosso trabalho enquanto pesquisadores é esse. Enquanto antropólogas, é fazer pesquisa sobre isso e escrever isso, de um modo rigoroso, que acompanhe os processos sociais.

**Vitória da Silveira:** Vamos então para a última pergunta... talvez seja outra pergunta complicada...

**Pedro Sartori de Lima:** Dentro das suas pesquisas na área da antropologia médica, como foi construída essa interação entre interlocutores, os agentes de saúde e a pesquisadora? E como conduzir uma pesquisa dentro desse contexto? E também, houve algum interesse por parte dos agentes de saúde em relação às perspectivas das populações sobre suas práticas de saúde?

**Lina Berrio:** Isso é difícil, porque implica uma aula do sistema de saúde mexicano, que é bem diferente do sistema de saúde do Brasil, no SUS, no geral e no sistema de saúde indígena particular. Então, a primeira coisa que eu teria a dizer é que nós não temos essa divisão, não tem um sistema de saúde indígena, então, não tem um agente de saúde indígena como essa figura que faz uma ponte entre a comunidade e o serviço de saúde. Temos a figura de promotor de saúde, mas, eu acho que pode ser similar, mas não do mesmo jeito, não é uma figura institucionalizada, nem todos os lugares tem. A gestão da Saúde indígena, como acontece no Brasil, não existe aqui no México. Não tem essa estrutura, essa organização, as equipes de saúde, a equipe básica, aquela que você manda, a que é mais territorializada, como os Kaingang tem seu posto de saúde. Aí se você precisa de atenção por maior gravidade você sai e vai para o SUS; isso não tem aqui (no México). E tem um sistema que se divide, entre o sistema público de saúde, que por sua vez tem várias instituições que prestam serviços, o sistema e a Secretaria de Saúde e aquelas que são mais para a população com Seguridade Social. A que geralmente faz presença nos territórios indígenas é a Secretaria de Saúde, que é para população com a Seguridade Social, mas nesse caso não tem uma população aberta. Então



nas nossas pesquisas a gente sempre procura, fazer contato com aquelas pessoas chaves que podem ser promotoras oficiais de saúde, muitas vezes são, promotoras de organizações ou são pessoas que são liderança com um papel relevante ou parteiras, pessoas respeitadas na comunidade, integrantes de organizações. Isso é uma maneira de se aproximar para poder fazer as pesquisas, também como o pessoal de saúde que está diretamente no campo.

Eu acho que quanto mais pequeno é o lugar, é mais fácil falar com o pessoal de saúde, é mais sensível. Quanto mais você avança na hierarquia isso fica mais difícil e a compreensão também, uma perspectiva mais "intercultural". Então, se as nossas pesquisas têm sempre combinado aqueles personagens chave, que não necessariamente são aquelas que fazem parte da estrutura institucional do sistema de saúde, muitas vezes aqueles que são parte do sistema institucional tem uma lealdade muito grande como o próprio sistema, ou eles adotam a linguagem médica, a linguagem biomédica, a explicação, sabe, o discurso biomédico também vai sendo incorporado. Não necessariamente são só eles com quem a gente trabalha, mas tudo isso depende: do lugar, do estado, do tema, depende de quem está lá, etc. A gente tem agora um projeto de pesquisa sobre parteiras tradicionais no México e no ano passado, a gente fez entrevistas só com parteiras, parteiras organizadas. O critério foi ir com parteiras que fazem parte de uma organização ou de uma rede. E compreender como são esses processos, o que elas faziam, como elas estão organizadas, etc. Neste ano a gente tem incorporado a perspectiva do pessoal de saúde com quem elas se relacionam e estamos incorporando também a perspectiva de parteiras que não estão organizadas, ou seja, parteiras que trabalham sozinhas, espalhadas, são bem mais fracas na possibilidade de sua agência, da sua capacidade de fazer coisas, porque estão sozinhas. E é muito interessante, o que estamos encontrando entre um caso e o outro.

Eu não sei, é isso, a gente mais ou menos lê o campo, quem são os atores e procuramos fazer alianças. E às vezes as pessoas que também tem dificuldades. A gente nesse ano fez uma apresentação para essas autoridades de saúde para apresentar o projeto, ter a permissão. Foi interessante porque a gente teria acesso a mais lugares, mas ao mesmo tempo o jeito de fazer pesquisa foi diferente, porque às vezes eles pediam as parteiras para descer para falar com a gente, eles estavam ali o tempo todo, então o nível de intimidade, de confiar que a gente podia ter com as parteiras não era o mesmo do que quando a gente procurava as parteiras sozinhas ou por conta da organização, sabe? Então antropologicamente



essa é uma coisa que, assim, é metodológica, mas que tem implicações no que você vai encontrar no resultado da pesquisa, mas não tem um jeito só, eu acho que a gente vai seguindo um projeto, a circunstância, etc.

**Vitória da Silveira:** Bom, eu acho que era isso que a gente tinha pra te perguntar, professora. A gente agradece muito por você ter se disponibilizado e ter sido tão legal com a gente, nós estávamos super nervosos/as...

**Profa Dra Lina:** Agora sou eu que tenho duas perguntas para vocês.

A primeira é o que vocês pensam em fazer com isso, se estão imaginando... eu não sei, apresentar numa aula ou fazer um escrito? Quero entender o que vocês tão pensando, porque para mim tem sido muito interessante e eu agradeço as perguntas, porque é uma tentativa de fazer pontes para nós, de explicar coisas que para a gente são óbvias, do seu país, mas que não são óbvias para o outro, né? Isso é difícil mesmo.

E a segunda é: como tem sido para vocês a experiência justamente de fazer isso, de falar comigo, de me escutar, de se aproximar e tudo isso que vocês estavam falando, 'a gente fica nervoso, a gente construiu assim'. Vocês tiveram a possibilidade de estar no EMBRA, de escutar outras pessoas... e aí, como tem sido isso pra vocês?

**Vitória da Silveira:** Acho que a primeira eu posso responder pela galera. À princípio a gente vai entregar a entrevista transcrita para as professoras, Miriam Pillar Grossi e Alinne de Lima Bonetti, se você autorizar. O que a gente vai fazer depois ainda não sabemos. Talvez a gente tente publicar e neste caso, vamos conversando contigo e vamos vendo.

Entrando na questão da segunda pergunta. É justamente muito interessante fazer essas pontes, tem muita coisa que a gente não tinha noção, porque o Brasil fica meio isolado na América Latina, em especial na antropologia. Então a gente não tem esse diálogo. A EMBRA foi importante para a gente conhecer essas novas pesquisas, outros trabalhos que estão sendo feitos especialmente no México. O México é uma referência nos estudos indígenas, porque a gente ainda não está



tendo tanto avanço. O avanço que a gente tem é justamente porque as pessoas indígenas estão chegando na academia e estão fazendo os trabalhos sobre si... Não sei se a galera quer falar mais alguma coisa.

**Gabriele Herarte:** Eu acho que é muito enriquecedor isso de estarmos fazendo a entrevista, ela mostra que o que a gente imagina antes de chegar numa pessoa para fazer a entrevista é completamente diferente. Porque é difícil imaginar que vai ser tão enriquecedor antes de passar por esse processo, que é muito bom.

**Lina Berrio:** É um exercício de etnografia mesmo. Adorei falar com vocês, me fizeram questionar, coisas assim pessoais, mas que tem que ver com a trajetória, como que a gente fica em um lugar no mundo que não é por acaso, tem a ver com a nossa história. De onde a gente vem, como que a gente foi formada, como que a gente tá envolvida ou não e isso faz que as nossas antropologias sejam diferentes. E ao mesmo tempo a gente consegue se encontrar com colegas, assim como a Miriam, a Alinne, então fico muito feliz também de ter esses diálogos, que eu gostaria que pudesse acontecer também com os nossos estudantes, entre estudantes. Infelizmente o problema da língua é um problema sério, na verdade terrível, mas às vezes a gente precisa falar em inglês para se compreender quando as nossas línguas são bem mais próximas. Então, eu acho que a gente tem que fazer alguma coisa para ir além disso, para procurar mais esses exercícios entre estudantes, como vocês estão fazendo. Acho que é possível publicar alguma coisa dessa reflexão, pelo menos para iniciar uma discussão, para continuar com outras pesquisadoras.

## **Antropologías Latinoamericanas en Conexión:** **Una conversación con la profesora Lina Berrio**

**RESUMEN:** Con la curiosidad de entender un poco más sobre las relaciones y divisiones entre la Antropología Mexicana y la Antropología Brasileña, entrevistamos a la profesora Lina Berrio en septiembre de 2022. Lina es profesora e investigadora en el Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS) - Pacífico Sur, en el área de



Vitória da Silveira  
Gabriele Jasnievicz Herarte  
Letícia Zanella Sais  
Sofia Fleig Paludo de Abrantes Rodrigues  
Pedro Sartori de Lima  
Iago Bardança Hoffmann

230

Antropología Médica, con un enfoque en salud sexual y reproductiva, género, pueblos indígenas, políticas públicas de salud, entre otros. Observamos entre líneas de sus palabras que el encanto por la antropología se destacaba. La transformación personal y colectiva que este campo de saber proporciona resonaba y hacía eco en aquellos que estaban allí y escuchaban. Así, comenzamos a pensar en cómo ampliar el diálogo entre áreas y sus diferentes desarrollos en diferentes lugares del mundo, haciendo de esta entrevista un paso inicial para tal diálogo.

PALABRAS CLAVE: Antropología Feminista. Género. Antropología Mexicana. Teoría Antropológica. Antropología de la Salud.

### **Vitória da SILVEIRA**

*Mestranda em Antropologia Social (PPGAS) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Bacharel em Antropologia pela mesma. É pesquisadora do Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas - CANOA/UFSC. É bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) e atualmente pesquisa como as mudanças na paisagem - devido a aterros, emissários de tratamento de esgoto, mudanças climáticas, entre outros - afetaram e afetam os pescadores na região da Baía Sul de Florianópolis (SC).*

### **Gabriele JASNIEVICZ**

*Graduanda em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, atua na gestão e assistência na área clínica de saúde mental. Atualmente pesquisa relações extraconjugais e seus impactos sociais e psicológicos aos indivíduos participantes, abrangendo a área de Antropologia da Performance e Antropologia e Sexualidade.*



**Leticia ZANELLA SAIS**

*Graduada em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e graduada em Psicologia pelo Centro Universitário CESUSC. Tem experiência de estágio com políticas públicas de assistência social, educação social de jovens em preparação para o programa Jovem Aprendiz e clínica no Modelo Denver de Intervenção Precoce como Assistente Terapêutica (AT) de criança no espectro do autismo, realizando também acolhimento e orientação a famílias. Seus interesses de pesquisa são voltados para as áreas de Antropologia Urbana e Psicologia Social Crítica, principalmente nos seguintes temas: cotidiano, território, cidade, memória social, políticas públicas, comida, migração, saúde coletiva, arte e relações estéticas.*

**Sofia FLEIG PALUDO DE ABRANTES RODRIGUES**

*Graduada em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, atua com o desenvolvimento do terceiro setor, na construção e gestão de projetos sociais de voluntariado. Na área de pesquisa, seus interesses abrangem a Antropologia da Política, Audiovisual e da Arte, tendo também experiência em projetos de direção de arte para o cinema.*

**Pedro SARTORI DE LIMA**

*Bacharel em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui interesses nos temas: Antropologia da Religião e do Secular; e Antropologia do Cristianismo, tendo realizado pesquisas com comunidades ortodoxas de Florianópolis e região. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da UFSC na área de Religião, Rito e Cosmologia. É bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC).*

**Iago BARDANÇA HOFFMANN**

*Graduando em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente pesquisa os diferentes tipos de relações entre Pombos, João de barro e frequentadores no Mercado Público de Florianópolis. Tem interesse em Relações entre humanos, animais,*



Vitória da Silveira  
Gabriele Jasnievicz Herarte  
Letícia Zanella Sais  
Sofia Fleig Paludo de Abrantes Rodrigues  
Pedro Sartori de Lima  
Iago Bardança Hoffmann

**232**

*não-humanos, Antropologia da Educação, Antropologia da Técnica,  
Antropoceno.*

*Recebido em: 19/12/2024*

*Aprovado em: 27/12/2024*